

# ÍNDICE

## Sair do gris (2015-2017)

### 1

Invocação.....	15
Espantelho .....	16
Génese .....	18
Erosão .....	19
Sem fim .....	20
Alto do Fiouco.....	21
Dívida do ignoto .....	24
Prisão.....	25
Possessão do gris.....	26
Colóquio no pedregal .....	27
Volta atrás.....	29
Desenlace em São Cibrão de Las .....	31
De resto.....	32
Poema de amor .....	34

### 2

Agora sim.....	37
Aqui não .....	39
Aclimações .....	41
Mudança.....	44
O teu nome.....	45
Dicionário dos Rolos.....	47
Malandro do canal.....	48
Praça Cayru.....	50
Na ribeira .....	53
Ante uma campa (São Bento).....	55
Trânsito .....	56
Ardor .....	57
Lagoa de Abaeté.....	58
Crepúsculo na Barra.....	59

Ilha dos Frades .....	60
O pranto da mulher polícia .....	62
Poeta no alto.....	64
Pássaro bem-te-vi .....	65
Onde a vida .....	66
Poema para Lazzo .....	67
Garimpo .....	68
Forró no parque .....	69
O milagre da fruta-pão.....	70
Um adeus.....	72

### 3

Em quarentena .....	74
“Por el vinham os mortos” .....	75
Ancestral .....	76
Ninho morto entre a silveira .....	77
Um segredo .....	79

### O bosque vazio (2018-2019)

<b>Primeira parte .....</b>	<b>83</b>
O bosque vazio.....	85
O chão do outono .....	86
Primeiro intento .....	87
O refluxo .....	88
Não é morte .....	89
A razão do cansaço .....	90
Fotos .....	91
Conformidade .....	92
Senectude do poema.....	93
A nuvem.....	94
Após o naufrágio .....	95
Triste fim .....	96
Fim de um ano .....	97
Sulcos de rumor.....	98

Invernal .....	99
Esse abismo.....	100
Um retorno.....	101
Uma súplica .....	102
Sertão.....	103
Véspera de viagem à casa do norte .....	104
A torre da noite.....	105
Cortejo.....	106
Alheia seja a paz.....	107
Jardim de Castrelos.....	108
Falsidade da chaga .....	109
<b>Segunda parte .....</b>	<b>111</b>
O retorno das aves .....	113
Ingente coda .....	114
Ante ti.....	115
O amor morto .....	116
Avidez.....	117
Daniel no pórtico.....	118
Ladeira dos aflitos.....	119
Primavera arriscada .....	120
Duração do nordeste.....	121
O que se foi toldando .....	122
A frágil permanência .....	123
A Lourdes Álvarez, pelo seu livro “P’anular los adioses” .....	124
Ligação errada.....	125
E tu que?.....	126
Atrás do verão.....	127
Adiantamento.....	128
Uma lágrima.....	129
Esta porta .....	130
Uma saída .....	131
Crianças sem terra .....	132
Só com pensamentos.....	133

Uma família .....	134
Rouxinol .....	135
O eco.....	136
Deite-se .....	137
<b>Terceira parte.....</b>	<b>139</b>
Mudança.....	141
A súplica.....	142
Primeira aparição.....	143
Dictino.....	144
Tomasm de Vilaosende .....	145
Santa camponesa .....	146
Bolkonsky .....	147
O congro .....	148
Poesia infeliz.....	149
Incerta vida .....	150
Início do fim .....	151
A comemoração.....	152
Estrela-do-mar.....	153
Aquele olhar .....	154
Suspeita .....	155
O último bosque.....	156
Beleza .....	157
Encadeado.....	158
Inverno arriba .....	159
O vácuo.....	160

## INVOCAÇÃO

Uma palavra que ilumine o que não consigo esquecer. Os relâmpagos na borra do sonhado, sem escolho que obstrua o aparente vácuo do que vêm, subterrâneo e remoto. Sem sufoco, sem mais armas que a fe no que desponta. A carícia do espúrio que se nutre de ti.

O verde apenas e absoluto. Um rasto de infância, a ponta que vibrou sobre a palma da mão. A chuva que roeu na siringe do Inverno, numa roupa estendida, no bolor dessa porta. O que nasceu do casulo do vento, na ruela obstruída pelo grande cabaz, que guarda os ásperos espelhos da miúda que jogou a ser mulher. O que vêm embriagado de Tempo e me leva da mão e confia-me os nomes em cruel erosão.

O que só tem remédio em extinção de ti.

A palavra ainda erva da que não me desvie para a luz fraudulenta doutra pele, doutras gândaras ermas. Na que a doutrina não me aperte.

Palavra, não silêncio nem culta algaravia, se é possível ainda resuscitar espectros: o corvo que espicaça nos despojos de um hórreo, o apeiro enferrujado, o arruinado alpendre que ainda abriga a desistência, o nosso horror ao lácteo, ao galináceo, a tudo o que perdura, agre de redenção. Rego de plumas na soleira da morte.

Palavra, verdor que brilhe e que nos cegue, e que respire no fumo do Verão.

## ESPANTALHO

Foram caindo as silvas, fulminadas  
por um ardor de discos faiscantes,  
e arrancadas as edras,  
e o mato, seco e pálido,  
fora acamado sobre o chão voraz.

E eu no meio.  
Espantalho. No meio.  
Afugentando nuvens mortas. Eu  
com aceno crucificado,  
exposto a tanta burla  
e a tudo o que me ignora.  
Irrisórios farrapos, muda efígie  
sem polpa, escarnecido pelos merlos.

Mais tarde, num avião,  
sentado e apertando a minha alma  
prestes à descolagem,  
cercado pelo infindo.  
Ou na rua, sorrindo sem mais gesto  
que o do medo ao que fui.  
Sem mais corpo que o farol oscilante  
no dormitório, íncubo  
de pene erguido em morte súbita,  
se um limbo me buscasse,  
fosse consanguíneo do meu vácuo,  
da minha parca essencial, da inconsciência  
onde ainda persigo  
e queimo os meus farrapos.

Mas, maiormente, sou o peregrino  
no que ninguém repara. O que caminha  
entre verdiluzentes castanheiros

e a lama atormentada  
por cascos fugitivos.

Eu, eivado bocejo.  
Eu, abalado por fulgores  
de câibras secretas. Invisível  
ao que pousando se demora  
na minha sórdida amizade,  
no meu abraço sem aperto.  
E no que, confiado,  
se achega sem saber que eu era espanto  
no tempo das colheitas,  
que era terra e topónimo,  
antes de ensurdecer.

Eu, no meio dos que se comunicam  
com o efêmero. Como um estorvo álgido.  
Eu lavado por séculos.  
Nascido a contraluz.  
Inconsciente desterro, susto frio,  
silencioso rumor paralisado.

Fui abolido por alguém  
do meu cândido ofício,  
mas não desmantelado: agora durmo  
com outros como eu  
neste alegre museu. E sou a peça  
talvez mais admirada.  
E nos meus longos sonhos  
pousam flocos de velhice e de amor.